

O ESPAÇO DOS JOVENS NO JORNALISMO REGIONAL PORTUGUÊS

Élmano Ricarte

Giovanni Ramos

Resumo

Os meios regionais portugueses, sob a forma de jornais impressos, digitais e rádios locais, possuem espaço para uma nova geração de jornalistas, entre 20 e 29 anos? Onde é que os recém-formados nas faculdades de comunicação possuem espaço para atuarem como jornalistas em Portugal? Este capítulo apresenta um panorama da empregabilidade dos jovens no cenário português no contexto do jornalismo regional. A revisão de literatura apontou hipóteses como uma percentagem maior de jovens nas redações de regiões onde há mais ofertas para todos os jornalistas em geral e um espaço maior para esta faixa etária onde há mais jornais com suporte digital. A partir de uma metodologia mista (quantitativa e qualitativa), procurou inquirir-se aos/as diretores/diretoras das redações jornalísticas sobre a presença de jovens nos seus locais de trabalho. Comparou-se a quantidade de jornalistas de e até 29 anos presentes nas redações com o mapa dos *media* regionais portugueses: onde há mais jornais e onde há mais jornais digitais. Ainda que com dificuldade na obtenção de dados sobre os *media* regionais, as conclusões daí resultantes apontam para um reduzido espaço para jornalistas mais jovens, sobretudo no interior. Verificou-se, além disso, uma associação entre a necessidade de acelerar a transição do jornalismo impresso para o digital de forma a conceder oportunidades aos recém-formados no mercado de trabalho.

Palavras-chave: jornalismo regional, jovens, jornalismo português.

Abstract

Do the Portuguese regional media, printed and digital newspapers and local radios, have space for a new generation of journalists, between 20 and 29 years old? Where in Portugal do recent graduates of the faculties of communication have space to work as journalists? This chapter presents an overview of the employability of young people in the Portuguese scenario in the context of regional journalism. The literature review pointed out hypotheses such as a higher percentage of young people in newsrooms in regions where there are more offers for all journalists in general and a greater space for this age group where there are more newspapers with digital support. Based on a mixed methodology (quantitative and qualitative), we sought to ask the managers of journalistic newsrooms about the presence of young people in their workplaces. We compared the number of journalists up to 29 years old in newsrooms with the map of Portuguese regional media: where there are more newspapers, where there are more digital newspapers. The results pointed to a difficulty in obtaining data on regional media, a very small space for younger journalists, especially in the countryside and an association between the need to accelerate the transition from print to digital journalism and the space for recent graduates to have greater space of the labor market. These notes confirmed the hypotheses initially raised.

Keywords: local journalism, young journalists, Portuguese journalism.

Introdução

Perante o convite para participar nesta coletânea, com a abordagem sobre o jornalismo regional e local, procurou-se perceber qual a empregabilidade dos jovens neste contexto. A partir dos resultados apurados, é possível debater cientificamente uma realidade próxima, uma vez que se trata de uma pesquisa levada a cabo por membros do GT de Jovens Investigadores da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação.

Atendemos, assim, a uma recomendação feita por Cascudo (1965) quando prescreve ao primeiro doutor em Ciências da Comunicação no Brasil, Luiz Beltrão, em meados da década de 1960, que investigue os processos comunicacionais que lhe sejam familiares e que nem sempre são alvo de estudos.

Neste artigo, procurou-se apresentar a realidade de jovens no mercado de trabalho do jornalismo local e regional em Portugal, não apenas para cumprir com um requisito da proposta deste livro, mas como uma preocupação académica e uma curiosidade científica.

Para responder a esta pergunta de investigação, optou-se por um enquadramento teórico com o propósito de realizar um estado da arte, não só sobre o jornalismo local e regional, mas também sobre a forma como ele é visto no contexto escolhido (Camponez, 2002; García, 2008; Jerónimo, 2015). No capítulo seguinte, procurou-se apresentar as escolhas metodológicas deste estudo e alguns dos desafios encontrados no contacto com as direções dos veículos de comunicação. Visto que a tentativa era compreender o nível de empregabilidade de jovens na atividade profissional, realizou-se um estudo quantitativo e qualitativo. A primeira vertente é mais enquadrada para uma apresentação dos dados de uma forma mais geral e a segunda vai ao encontro de impressões resultantes da análise desses dados.

Jornalismo de proximidade

Jornalismo local, regional ou de proximidade são termos utilizados para designar os *media*, sejam eles jornais impressos, digitais, emissoras de rádios ou televisões que possuem uma maior proximidade com as suas audiências. Esta aproximação ocorre normalmente num determinado espaço geográfico e a maior parte das notícias publicadas ou veiculadas ocorrem sobre o espaço delimitado.

A partir das questões geográficas portuguesas, Jerónimo (2015: 127) conceitua:

Todas as publicações periódicas de informação geral, que dedicam, de forma regular, a maioria dos seus conteúdos noticiosos a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica, política ou desportiva, respeitantes às comunidades a que se destinam e a territórios que atingem, no mínimo, a dimensão de um distrito; são distribuídos

nos suportes papel e/ou plataformas digitais; e não são dependentes, direta ou indiretamente ou por interposta pessoa, de qualquer poder político, inclusive autárquico.

Segundo Franklin & Murphy (1991), a definição do que é o jornalismo regional, local ou de proximidade deve ser feita a partir do conceito do que é uma notícia local. Para os autores, a notícia só é local quando pode ser aplicada na região de abrangência do *medium* sob algum aspecto. Ela pode ser sobre um facto ocorrido dentro da região ou fora, desde que tenha alguma ligação com os habitantes e a cultura da região do *medium*.

Os termos local, regional e proximidade possuem distinções que variam entre países. A expressão *jornalismo regional* é mais utilizada em países como Portugal, Brasil e Espanha, enquanto os Estados Unidos e o Reino Unido utilizam apenas a expressão *local*. Em Portugal, no jornalismo impresso, *local* e *regional* são quase sinónimos, com o predomínio do uso *regional*, inclusive na lei.

Consideram-se de imprensa regional todas as publicações periódicas de informação geral, conformes à Lei de Imprensa, que se destinem predominantemente às respectivas comunidades regionais e locais, dediquem, de forma regular, mais de metade da sua superfície redactorial a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica e política a elas respeitantes e não estejam dependentes, directamente ou por interposta pessoa, de qualquer poder político, inclusive o autárquico (*Estatuto Da Imprensa Regional*, 1988: 3).

Já no caso das emissoras de rádio, a legislação portuguesa faz uma distinção. Segundo a Entidade Reguladora da Comunicação (ERC), as emissoras classificadas como regionais atuam sobre uma determinada região da NUT II. Já as locais estão associadas a um determinado concelho. Em abril de 2021, um relatório da ERC apontava cinco concessões de rádios regionais e 316 de rádios locais.

A expressão jornalismo de proximidade é mais recente e tornou-se frequente na literatura com a revolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). A internet permitiu que um cidadão migrante pudesse continuar a acompanhar as notícias da região de origem mesmo sem estar presencialmente na localidade (Camponez, 2002; García, 2008; Jerónimo, 2015).

Com isto, as limitações geográficas perderam importância no fortalecimento das comunidades, unidas também por questões culturais e sociais. O termo jornalismo de proximidade surge para definir todo o tipo de jornalismo próximo das comunidades, independentemente de onde elas estejam. Logo, o jornalismo de proximidade é um termo mais amplo, que engloba local e regional, sem limites geográficos (Camponez, 2002; García, 2008; Jerónimo, 2015).

Desafios no jornalismo de proximidade

Característica principal deste tipo de jornalismo, a proximidade com as audiências pode trazer problemas e desafios para os meios de comunicação e para os jornalistas que neles atuam. Um dos pontos é a relação com o poder público local, já que os jornais locais costumam ter menos recursos financeiros com origem em publicidade empresarial. Com problemas na captação de recursos, o *medium* pode tornar-se dependente de autarquias e outras estruturas de poder, colocando em risco a credibilidade do veículo (Bahia, 2009).

Jerónimo (2015) destaca também que o jornalismo de proximidade pode tornar-se dependente do poder público na área editorial, uma vez que muitos jornais locais costumam ser dependentes de agendas institucionais de estruturas públicas, principalmente de câmaras.

Além destes tradicionais problemas, a revolução das TICs, que afetou o jornalismo em todo o mundo, também afetou o jornalismo de proximidade. De acordo com o *Digital News Report 2020*, a internet é a principal fonte de informação para a maior parte dos entrevistados em 40 países estudados, entre eles Portugal (Cardoso *et al.*, 2020).

Nos *media* de proximidade, a preferência pelo digital afetou ainda mais a situação financeira. É que a publicidade digital tem como parâmetros números globais feitos em larga escala, facto que dificulta um jornal com uma audiência local a obter recursos significativos para manter a sua estrutura (Hindman, 2015).

A modernização tecnológica é outro desafio para os jornais locais. No caso português, Jerónimo (2015) afirma que os órgãos de comunicação social têm muitas dificuldades em atuar na esfera digital. Entre as razões estão a falta de preparação dos jornalistas e um ainda um baixo consumo de internet nas regiões mais distantes dos grandes centros.

Em 2019, Portugal tinha 247 jornais regionais com presença digital registados na ERC. Desses, 126 atuavam apenas no digital enquanto 121 possuíam somente uma versão impressa. A maior parte dos jornais apenas digitais concentravam-se na Região Norte, sobretudo nos distritos de Porto, Braga e Viana do Castelo (Ramos, 2021b).

Por outro lado, Camponez (2017) afirma que os *media* de proximidade possuem características naturais que podem ajudar na solução da crise do jornalismo, especialmente quanto aos modelos de negócios. Entre as características que podem ser benéficas nos dias atuais, o autor destaca a possibilidade de atuar com nichos de mercado de proximidades, uma maior chance de fidelizar as audiências de modo que elas contribuam financeiramente com o jornal (assinaturas ou doações) e a criação de conteúdos para atender demandas específicas que somente um jornal que conhece muito bem seu público pode fazer.

Jornalistas, idade e género

Este público, por sua vez, e se atentarmos nos resultados preliminares dos censos portugueses de 2021, está cada vez mais envelhecido: os idosos são cada vez mais e os jovens cada vez menos. Em termos numéricos, e segundo este recenseamento, há 182 idosos por cada 100 jovens. Simultaneamente,

reforçaram-se, no decorrer dos últimos anos, os “padrões de litoralização” e a “concentração populacional” junto da capital portuguesa, à medida que o interior do país perde consecutivamente população, especialmente a mais jovem. Entre os municípios mais populosos, Braga regista o valor de crescimento “mais expressivo”, ao rondar os 6,5%.

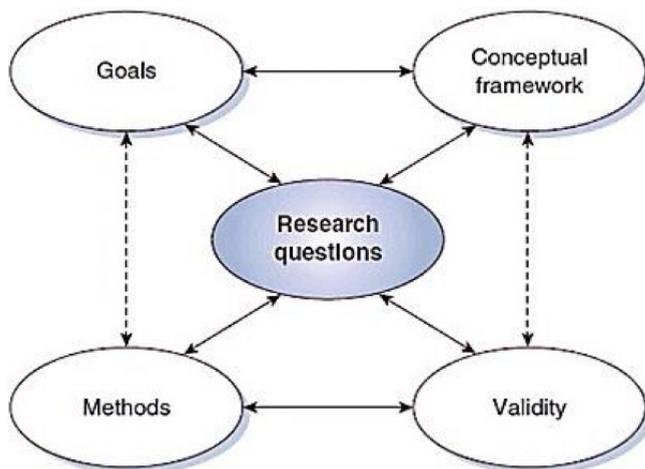
Se Andringa (2014: 4) denotava, ao traçar o retrato sociográfico dos jovens jornalistas, que uma “percentagem considerável iniciou a carreira em órgãos de informação locais e poucos são os que conseguiram dar o salto para órgãos de difusão nacional”, importa perceber, à data, se a tendência se mantém. Estarão as redações regionais compostas de jovens jornalistas? Em que zonas do país se encontram estes? São homens ou mulheres?

Segundo as estatísticas da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista (CCPJ), o universo de jovens jornalistas nas redações portuguesas, com idades compreendidas entre os 21 e os 30 anos, retrata a tendência de feminização que vários autores (Miranda & Gama, 2019; Subtil, 2009) têm estudado. Titulares de Carteira Profissional de Jornalista, registados na CCPJ, no início de abril deste ano, encontravam-se 329 mulheres e 246 homens. E se atentarmos sobre os Titulares do Título Provisório de Estagiário a doze meses, contabilizam-se 89 jovens do sexo feminino e 51 do masculino. Uma vez que, em Portugal, “o jornalismo começou, na segunda metade do século XVI, como uma ocupação predominantemente masculina” (Bandeira & Vizeu, 2018: 40), atualmente, a distribuição é “relativamente equilibrada” (OBERCOM, 2017), ainda que elas ocupem menos cargos de chefia (Sindicato dos Jornalistas, 2020).

Metodologia

Antes de avançar pelas decisões metodológicas inerentes a este estudo, importa indicar que seguimos o modelo interativo de Joseph Maxwell (2005), exemplificado na Figura 1, a seguir:

Figura 1: Modelo interativo de Maxwell1 (2005)



Fonte: Maxwell (2005: 217)

De acordo com Ricarte (2019: 117), “a partir deste modelo, temos uma interação entre todas as partes de uma investigação, nas quais cada uma deve desenvolver-se em conformidade com as demais, isto é, em coerência e congruência. Não há, neste modelo, uma trajetória unidirecional a ser seguida de forma fixa”. Por esse motivo, explicaremos como, ao longo do estudo, se alteraram dinamicamente algumas decisões metodológicas.

É importante ressaltar que as Ciências da Comunicação têm a sua gênese numa enorme premissa interdisciplinar, de acordo com Marques de Melo (1975: 83-84):

[...] a Pesquisa em Comunicação compreende, portanto, o estudo científico dos elementos que integram o processo comunicativo, a análise de todos os fenômenos relacionados ou gerados pela transmissão de informações, sejam dirigidas a uma única pessoa, a um grupo ou a um vasto público. É o estudo do comunicador, suas intenções, sua organização, sua estrutura operacional, sua história, suas normas éticas ou

1. “eis um modelo dinâmico no qual os «objetivos» («Goals»), «quadro conceitual» («Conceptual framework»), «questões de investigação» («Research questions»), «métodos» («Methods») e «validade» («Validity») devem fluir sem «amarras» para um entendimento global (...)” (Ricarte, 2019: 117-118).

jurídicas, suas técnicas produtivas. É o estudo da mensagem e do canal, seu conteúdo, suas formas, sua simbologia, suas técnicas de difusão. É o estudo do receptor, suas motivações, suas preferências, suas reações, seu comportamento perceptivo. É o estudo das fontes, sua sistemática para a recuperação de informações. É, enfim, o estudo dos efeitos produzidos junto ao receptor, a partir das intenções do comunicador. Assim conceituada, a Pesquisa em Comunicação assume a natureza de campo interdisciplinar de estudos, envolvendo não apenas as investigações linguísticas, educacionais, jornalísticas, cibernéticas etc. – ou seja, as pesquisas próprias das Ciências da Informação – mas englobando também as iniciativas em outras áreas das ciências humanas – sociológicas, psicológicas, históricas, antropológicas etc.

Este estudo traça um panorama de como está o mercado de trabalho no jornalismo de proximidade para jovens. Procurou-se responder à seguinte pergunta de investigação: o jornalismo de proximidade tem oferecido trabalho aos jovens? Depois, surgiram outras questões secundárias como: quanto ao gênero, como está essa empregabilidade? Redações com maior dimensão digital abrigam mais jovens?

Para atender ao objetivo, traçamos três critérios, relacionados com três questões num inquérito. O primeiro tratava de compreender o universo de jornalistas naquela empresa de comunicação social e, por isso, a pergunta realizada foi: “Quantos/as jornalistas integram a equipa”? Para revelar o número de jovens na redação, perguntou-se: “Quantos/ as estão na faixa etária de 21 - 29 anos (jovens)”? E, por último, a terceira pergunta tratava de saber qual o gênero daqueles/as jovens naquela redação: “Quantos homens ou quantas mulheres (ou outro gênero) entre os/as jovens jornalistas”?

Para que esse inquérito chegasse aos/às gestores/as meios de comunicação, escolhemos enviar as perguntas em corpo de email e não em formato de formulário. Com base na experiência profissional em redações jornalísticas, considerou-se que, esta forma facilitaria as direções com pouco tempo disponível para responder a estudos como este.

Com o objetivo de contactar as redações, procuramos a lista de referência sobre os meios de comunicação locais/ regionais. No site da ERC², consta a lista com as órgãos ativas em âmbito regional. Ao todo são 1744 meios cadastrados na lista da ERC. No entanto, somente 895 têm um contacto de email registado.

Devido a essa quantidade de emails verificados (51% do total de empresas registadas) optámos por um estudo misto. Ou seja, apesar do nosso objetivo inicialmente ser quantitativo, ambicionando saber dados estatísticos sobre a empregabilidade jovem no jornalismo de proximidade, a análise será também qualitativa, uma vez que a discussão incidirá sobre a investigação, sobre os resultados do inquérito e sobre a lista disponibilizada pela ERC. Com isso, ter-se-á como ponto de partida não apenas a análise sobre os dados recolhidos, mas também sobre o processo de investigação em si, numa linguagem *metadiscursiva*.

Para este estudo, temos as hipóteses:

- H1: há uma maior empregabilidade de jornalistas jovens onde há mais jornais;
- H2: os lugares onde têm mais jovens tem mais jornalistas jovens;
- H3: os distritos onde há mais jornais com suporte digital possuem mais jornalistas jovens;
- H4: o crescimento das funções desempenhadas por mulheres jornalistas no geral reflete-se no meio regional entre as pessoas até 29 anos.

Cada uma dessas hipóteses será ou não validada no fim da análise dos dados recolhidos.

2. Ligação para acesso: <https://www.erc.pt/>

Dados

Como já afirmamos, para a obtenção dos dados sobre o jornalismo regional em Portugal foram utilizadas as informações disponibilizadas pela ERC do final de janeiro de 2022.

Da listagem de publicações periódicas (impresso e/ou digital) foram encontradas 767 classificadas como regionais. Quanto aos operadores de rádio, as emissoras classificadas como locais e de informação generalista somam 235.

No entanto, foi verificado que na listagem de publicações periódicas classificadas como regionais estavam registadas publicações não jornalísticas ou de carácter especializado sem foco regional. Excluíram-se desta lista as revistas científicas de universidades e institutos politécnicos, publicações de domínio público, como os boletins de autarquias e juntas de freguesia, informativos de associações representativas de classes profissionais e publicações de conteúdo nacional e internacional que estavam catalogadas como regionais.

A partir desta filtragem, o número de publicações jornalísticas impressas e/ou digitais regionais foi reduzido de 767 para 667 publicações. Destaca-se aqui um problema na listagem da ERC, que além de não distinguir publicações jornalísticas de outros tipos de periódicos, possui diversas publicações nacionais registadas como regionais.

A primeira hipótese levantada neste artigo, a de que a presença de jornalistas jovens nos meios regionais é maior onde há uma variedade maior de publicações desta natureza, foi verificada a partir do cruzamento dos dados da quantidade de meios regionais com a de jornalistas jovens.

Tabela 1: Jornalistas jovens em meios regionais por distrito de acordo com as respostas facultadas

Distrito	Jornais	Rádios	Total	Percentagem (%) de jovens empregados do total de jornalistas por distrito
Açores	33	20	53	45
Aveiro	53	15	68	40
Beja	11	9	20	*
Braga	69	11	80	30
Bragança	11	9	20	0
Castelo Branco	20	6	26	30
Coimbra	41	9	50	30
Évora	14	11	25	*
Faro	37	12	49	20
Guarda	22	7	29	0
Madeira	10	13	23	60
Leiria	39	15	54	15
Lisboa	76	24	100	60
Portalegre	14	3	17	0
Porto	83	13	96	60
Santarém	37	17	54	*
Setúbal	17	8	25	*
Viana do Castelo	26	11	37	*
Vila Real	12	7	19	35
Viseu	40	14	54	0

* sem dados

Fonte: produção própria.

Os números na tabela acima confirmam a hipótese de que uma maior oferta de emprego gera uma maior presença de jornalistas jovens. Os distritos com maior número de publicações regionais, Porto e Lisboa, são aqueles em que a percentagem de jovens também é maior, rondando os 60%.

Os distritos de Leiria e Viseu, por outro lado, apresentaram números diferentes. Das respostas recebidas, Leiria registou um universo jovem de apenas 15% nas redações, enquanto em Viseu não foi verificado nenhum jornalista entre a faixa etária analisada.

Entre os distritos com menor oferta, a investigação não obteve dados de Évora e Beja, no Alentejo. Não foram encontrados registos de jovens nas redações de Portalegre e no caso da Madeira, o registo foi de 60%, igual ao de Porto e Lisboa, sendo, no entanto, a única região de oferta baixa e presença alta.

É interessante notar o que os dados indicam sobre Braga. Embora com um alto número de meios de comunicação neste distrito, a taxa de empregabilidade jovem é de 30%.

No que diz respeito à segunda hipótese em análise, que equaciona a possibilidade de os lugares com mais população jovem serem aqueles que têm mais jovens jornalistas, esta foi validada através do cruzamento dos dados do Instituto Nacional de Estatística (figura 2), a respeito do número de jovens por distrito em 2020³, com os do inquérito levado a cabo no âmbito deste estudo, a respeito do número de jovens por redação.

Assim, segundo as estatísticas, em Portugal Continental, Braga, depois dos dois maiores distritos portugueses, Lisboa e Porto, destaca-se como o local em que residem mais jovens (figura 02), seguindo-se Setúbal e Aveiro. Se confrontarmos estes dados com os da tabela 1, confirma-se que estes distritos estão entre os que mais registam jovens jornalistas, mesmo que em Braga estes sejam poucos, excepcionando-se Setúbal, sobre o qual não se obtiveram respostas que permitissem chegar a uma conclusão.

Inversamente, distritos como Portalegre e Guarda têm menos população residente (figura 02). Confrontando estes dados com a percentagem de jovens jornalistas empregados, confirma-se que as redações destes meios

3. Uma vez que os dados a respeito do ano 2021 ainda não estavam disponíveis. https://www.inec.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0004163&contexto=bd&selTab=tab2 [último acesso a 25 de abril de 2022].

regionais são mais envelhecidas. Aspeto este que, como referido na revisão de literatura, surge em consonância com a constante litoralização do país.

Figura 2: População residente por Local de residência, Sexo e Grupo etário

Período de referência dos dados	Local de residência (Distrito/Região)	População residente (N.º) por Local de residência, Sexo e Grupo etário; Anual (1)													
		HM					Sexo								
		20 - 24 anos		25 - 29 anos		N.º	20 - 24 anos		25 - 29 anos		N.º	20 - 24 anos		25 - 29 anos	
		N.º	N.º	N.º	N.º		N.º	N.º	N.º	N.º		N.º	N.º	N.º	N.º
2020	Portugal	563 793	547 593	285 592	273 621	273 621	278 201	273 972	278 201	273 972	278 201	273 972	278 201	273 972	
	Continente	531 810	515 282	269 248	257 366	257 366	262 562	257 916	262 562	257 916	262 562	257 916	262 562	257 916	
	Aveiro	39 434	38 661	19 875	19 243	19 243	19 559	19 418	19 559	19 418	19 559	19 418	19 559	19 418	
	Beja	7 067	6 921	3 649	3 463	3 463	3 418	3 458	3 418	3 458	3 418	3 458	3 418	3 458	
	Braga	50 127	48 563	25 765	24 532	24 532	24 362	24 031	24 362	24 031	24 362	24 031	24 362	24 031	
	Bragança	5 924	6 013	3 032	3 026	3 026	2 892	2 987	2 892	2 987	2 892	2 987	2 892	2 987	
	Castelo Branco	8 670	8 470	4 587	4 404	4 404	4 083	4 066	4 083	4 066	4 083	4 066	4 083	4 066	
	Coimbra	20 894	19 809	10 544	10 237	10 237	10 350	9 572	10 350	9 572	10 350	9 572	10 350	9 572	
	Évora	7 739	7 201	3 983	3 657	3 657	3 756	3 544	3 756	3 544	3 756	3 544	3 756	3 544	
	Faro	23 122	21 728	11 638	10 685	10 685	11 484	11 043	11 484	11 043	11 484	11 043	11 484	11 043	
	Guarda	7 147	7 347	3 683	3 800	3 800	3 464	3 547	3 464	3 547	3 464	3 547	3 464	3 547	
	Leiria	25 781	25 075	13 163	12 752	12 752	12 618	12 323	12 618	12 323	12 618	12 323	12 618	12 323	
	Lisboa	116 301	114 300	58 287	56 002	56 002	58 014	58 298	58 014	58 298	58 014	58 298	58 014	58 298	
	Portalegre	5 449	5 057	2 669	2 615	2 615	2 780	2 442	2 780	2 442	2 780	2 442	2 780	2 442	
	Porto	102 402	98 390	51 832	49 086	49 086	50 570	49 304	50 570	49 304	50 570	49 304	50 570	49 304	
	Santarém	23 706	22 162	11 958	11 165	11 165	11 748	10 997	11 165	10 997	11 165	10 997	11 165	10 997	
	Setúbal	45 357	42 730	22 748	21 025	21 025	22 609	21 705	21 025	22 609	21 025	22 609	21 025	22 609	
	Viana do Castelo	12 166	12 248	6 275	6 231	6 231	5 891	6 017	6 231	5 891	6 231	5 891	6 017	6 017	
	Vila Real	10 182	10 385	5 242	5 139	5 139	4 940	5 246	5 139	4 940	5 139	4 940	5 246	4 940	
	Viseu	20 342	20 222	10 318	10 304	10 304	10 024	9 918	10 304	10 024	10 304	9 918	10 024	9 918	
Região Autónoma dos Açores	15 942	16 531	8 055	8 155	8 155	7 887	8 376	8 155	7 887	8 155	7 887	8 376	7 887		
Região Autónoma da Madeira	16 041	15 780	8 289	8 100	8 100	7 752	7 680	8 100	7 752	8 100	7 752	7 680	7 680		

População residente (N.º) por Local de residência, Sexo e Grupo etário; Anual - INE, Estimativas anuais da população residente

Notas(s):

(1) 2011, Estimativas Provisórias de População Residente - valores revisitos; as estimativas pós-censitárias de população residente de 2011 - exercício ad hoc assente nos resultados provisórios dos Censos 2011 - foram revisitos, em função dos resultados definitivos dos Censos 2011.
2001 - 2010, Estimativas Definitivas de População Residente - valores revisitos; as estimativas provisórias de população residente de 2001 a 2010 foram revisitos - revisão regular geral -, em função dos resultados definitivos dos Censos 2011.
1991 - 2000, Estimativas Definitivas de População Residente - valores revisitos; as estimativas intercensitárias de população residente em Portugal de 1991 a 2000 foram revisitos - revisão extraordinária -, com o objetivo de harmonização, em termos conceptuais e metodológicos, com a série Estimativas Definitivas de População Residente 2001-2010.

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

A terceira hipótese associava a presença de jornalistas jovens nos jornais que atuam no meio digital. Esta hipótese partia do princípio que jornais digitais precisam de mão-de-obra qualificada e que os jovens, muitos deles nativos digitais, teriam mais facilidade para exercer essas funções.

Ramos (2021b) divide os jornais regionais com presença digital em quatro categorias: de conteúdo aberto, restrito para assinantes, que pedem doações e apenas impresso, quando não há conteúdo digital e a página na internet apenas reproduz a edição impressa.

Para esta hipótese, soma-se a quantidade de jornais regionais em cada distrito com presença digital, isto é, exclui-se a categoria “apenas impresso” e compara-se com a percentagem de jornalistas jovens nas redações desses distritos.

Tabela 2: Presença digital x espaço para jornalistas jovens

Distrito	Meios Regionais	Percentagem (%) de jovens empregados do total de jornalistas por distrito	Jornais regionais com presença digital	Proporção jornais digitais x total de jornais por distrito
Açores	53	45	17	32
Aveiro	68	40	8	11,8
Beja	20	*	2	10
Braga	80	30	27	33,75
Bragança	20	0	3	15
Castelo Branco	26	30	7	27
Coimbra	50	30	13	26
Évora	25	*	5	20
Faro	49	20	16	32,7
Guarda	29	0	4	13,8
Madeira	23	60	8	34,8
Leiria	54	15	10	18,5
Lisboa	100	60	30	30

Portalegre	17	0	5	29,41
Porto	96	60	36	37,5
Santarém	54	*	16	29,6
Setúbal	25	*	10	40
Viana do Castelo	37	*	5	13,5
Vila Real	19	35	7	36,8
Viseu	54	0	8	14,8

* sem dados

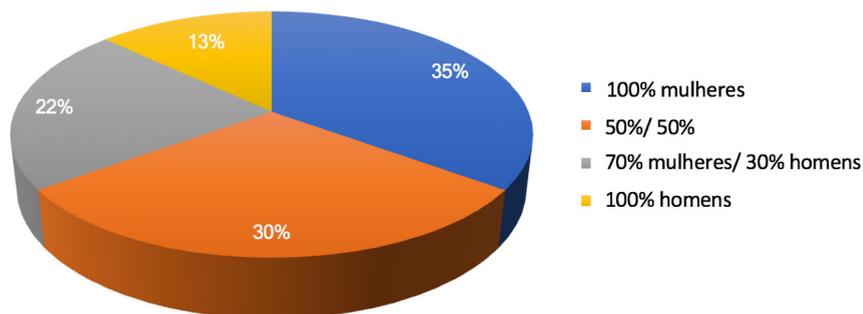
Fonte: produção própria.

Os números na tabela acima confirmam a hipótese, sobretudo nos distritos de Lisboa e Porto, ao apontar uma maior presença de jovens nos grandes centros urbanos de Portugal. Por outro lado, há situações como a dos distritos de Aveiro e Açores, com baixo número de media digitais regionais, mas com maior presença de jovens. Braga, inversamente, conta com muitos meios na internet, mas poucos jovens nas redações.

No que diz respeito à quarta hipótese, “o crescimento das funções desempenhadas por mulheres jornalistas no geral reflete-se no meio regional entre as pessoas até 29 anos”, temos os seguintes resultados conforme as respostas obtidas no seguinte gráfico:

Figura 3: percentagem de jovens nas redações em análise de acordo com o género

Géneros na redação jornalística - jovem



Fonte: produção própria.

Os dados indicam que 35% das redações estavam compostas na totalidade por mulheres, ao passo que as equipas compostas somente por homens rondavam os 13%.

30% tinham, na composição da sua equipa, metade de jornalistas mulheres e metade homens, enquanto 22% das redações tinham por volta de 70% de mulheres jornalistas e 30% de homens. A acrescentar, cinco órgãos de comunicação social regional inquiridos não identificaram o género da sua equipa, apesar de informarem quantas pessoas tinham no total e quantos/quantas eram jovens.

Com base nisto, esta hipótese é validada. De acordo com Bandeira e Vizeu (2018), as redações em Portugal estão a seguir uma tendência iniciada no final do século XX, que aponta para a feminização das equipas jornalísticas. Aqui, verificamos que ao nível do jornalismo regional há também essa tendência, pois quase 60% das redações apresentavam uma percentagem de mulheres acima de 70%.

Conclusões

O baixo número de respostas recebidas durante o processo de recolha de dados evidencia um problema no controlo de informações sobre os media portugueses. Dos jornais registados na ERC, verificou-se um alto número de e-mails errados, mensagens que retornaram e meios de comunicação que já não existem, mas que continuam inscritos na ERC.

Destaca-se, ainda, a não separação clara entre as publicações periódicas de carácter jornalístico e de outras finalidades. A lista de publicações periódicas regionais, por exemplo, trazia jornais impressos e boletins de Juntas de Freguesia sem distinção entre si, além de outras publicações, como revistas académicas.

A excluir estes e-mails com problemas e as publicações que não se enquadravam na investigação, o número de respostas dos meios de comunicação portugueses foi insatisfatório, facto que gerou dificuldades na análise dos dados para confirmar as hipóteses.

Os resultados confirmaram as hipóteses que, juntas, indicam um perfil dos media regionais em Portugal, mais jovem, mais conectado junto aos grandes centros urbanos e mais analógico e velho, nas redações mais distantes dos grandes centros urbanos e do litoral.

Das 20 regiões de Portugal no NUTS III⁴, apenas três apresentaram uma percentagem de jornalistas jovens a ocupar mais de 50% das redações dos meios regionais: Lisboa, Porto e Madeira, isto é, as duas áreas metropolitanas que concentram a maior parte da população portuguesa e o arquipélago da Madeira.

Três distritos tiveram respostas de jornais sem jornalistas jovens: Guarda, Portalegre e Viseu, isto é, dois distritos distantes do litoral e Viseu como exceção à regra. Beja e Évora, outros dois distritos mais distantes do litoral, não tiveram nenhuma resposta ao inquérito.

Estes números convergem com os problemas económicos e habitacionais de Portugal, que possui a maior parte da população e de sua economia junto à costa. Problemas com reflexos na comunicação como a existência de um deserto de notícias em regiões como Trás-os-Montes e Alentejo (Ramos, 2021a).

Os resultados levam a novas questões sobre a presença dos jovens nos media regionais portugueses. Jornalistas até 29 anos desejam trabalhar em meios locais? Há um interesse deste grupo etário em residir em pequenos concelhos para atuar como jornalistas se houver oportunidades nos grandes centros?

É preciso reforçar a baixa quantidade de respostas, com números muito inferiores ao total de meios de comunicação regionais existentes nas 20 regiões de Portugal. Porém, os poucos números apontam para o mesmo caminho da hipótese levantada a partir da revisão de literatura.

4. Nomenclatura das Unidades Territoriais. Sub-regiões de Portugal.

As dificuldades dos jornais regionais portugueses com a transição para o digital já foram apontadas por Jerónimo (2015, 2017). As respostas desta investigação apontaram para uma desconexão entre estes meios e a geração que cresceu já conectada à internet.

Referências

- Andringa, D. (2014). Imaginário e Realidade. In J. Rebelo (Org.), *As Novas Gerações de Jornalistas em Portugal* (pp. 73-82). Editora Mundos Sociais. https://www.mundossociais.com/temps/livros/01_05_15_47_journalistasfftindiceapresent.pdf
- Bahia, J. P. D. (2009). *Ser baiano na medida do recôncavo: o jornalismo regional como elemento formador de identidade* [Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA]. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10833%0A>
- Bandeira, A. P. & Vizeu, A. (2018). A mulher na redação em Portugal: o processo de feminização do jornalismo. In L. Aguiar, M.P. da Silva, & M. Martinez (Orgs.), *DESIGUALDADES, RELAÇÕES DE GÊNERO E ESTUDOS DE JORNALISMO* (pp. 35-52). Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM.
- Camponez, C. (2002). *Jornalismo de proximidade*. Coimbra: Minerva.
- Camponez, C. (2017). Proposta de novos pactos comunicacionais na era do hiperlocal. In P. Jerónimo (Ed.), *Media e jornalismo de proximidade na era digital* (pp. 11-26). Editora LabCom.IFP.
- Cardoso, G., Paisana, M., & Pinto-Martinho, A. (2020). *Reuters Institute Digital News Report 2020–PORTUGAL*.
- Cascudo, C. L. (1965). Carta a Luiz Beltrão sobre o ex-voto. In: *Comunicações & Problemas*. v. 1, n. 2, Recife: ICINFORM, jul., p. 133- 135.
- Comissão da Carteira Profissional de Jornalista (CCPJ). (2022, abril, 01) <https://www.ccpj.pt/media/1644/cp.pdf> [consultado a 25 de abril de 2022]

- Crespo, M., Azevedo, J., Sousa, J., Cardoso, G. & Paisana, M. (2017). *Jornalistas e condições laborais: retrato de uma profissão em transformação*. OBERCOM. <http://hdl.handle.net/10071/15977>
- Estatuto da Imprensa Regional*. (1988).
- Franklin, B., & Murphy, D. (1991). *What News? The Market, Politics and Local Press: Vol. =*. Routledge. <http://ir.obihiro.ac.jp/dspace/handle/10322/3933>
- García, X. L. (2008). *Doce años de experimentación ciberperiodística desde Galicia: luces y sombras Twelve years of online journalism experimentation from Galicia : lights and shadows*. 205–212.
- Hindman, M. (2015). Stickier news: What newspapers don't know about web traffic has hurt them badly - but there is a better way. In *Shorenstein Center on Media, Politics and Public Policy - Discussion Paper Series* (Issue April).
- Instituto Nacional de Estatística. (2021). Censos 2021 – Divulgação dos Resultados Preliminares. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=473161655&DESTAQUESmodo=2 [consultado a 27 de março de 2022]
- Instituto Nacional de Estatística. (2021). Estimativas anuais da população residente por Local de residência, Sexo e Grupo etário. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0004163&contexto=bd&selTab=tab2 [consultado a 27 de março de 2022]
- Jerónimo, P. (2015). *Ciberjornalismo de proximidade*. Labcom.IFP.
- Marques de Melo, J. (1975) *Comunicação Social: teoria e pesquisa*. 4ed. Editora Vozes: Petrópolis.
- Maxwell, Joseph A. (2005). *Qualitative Research Design: An Interactive Approach*, Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Miranda, J. & Gama, R. (2019). Os jornalistas portugueses sob o efeito das transformações dos media. Traços de uma profissão estratificada. *Análise Social*, liv (1.º), 2019 (n.º 230), 154-177 <https://doi.org/10.31447/as00032573.2019230.07>

- Ramos, G. (2021a). Deserto de Notícias: panorama da crise do jornalismo regional em Portugal. *Estudos de Jornalismo*, 13, 30–51.
- Ramos, G. (2021b). O público como fonte de receita: Estratégias de disponibilização de conteúdos de jornais digitais. *Estudos Em Comunicação*, 33, 15–32. <https://doi.org/10.25768/20.04.03.33.02>
- Ricarte, E. (2019) *O Mundo Mediatizado das Marchas Populares de Lisboa: a configuração comunicativa entrelaçamento mediático*. Tese de doutoramento, Lisboa, Portugal, Doutoramento em Ciências da Comunicação, da Universidade Católica Portuguesa. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/27721>
- Sindicato dos Jornalistas. (2020). *Mulheres jornalistas trabalham mais horas, mas ganham e chefiam menos*. <https://jornalistas.eu/mulheres-jornalistas-trabalham-mais-horas-mas-ganham-e-chefiam-menos/> [consultado a 27 de março de 2022]
- Subtil, F. (2009), Anotações sobre o processo de feminização da profissão de jornalista na década de 1990. In J. L. Garcia (ed.), *Estudos Sobre os Jornalistas Portugueses: Metamorfozes e Encruzilhadas no Limiar do Século XX* (pp. 93-108). Imprensa de Ciências Sociais.